

sobre democracias
e cultos de morte:
israel e o futuro da
civilização
douglas murray

Tradução de Carlos Pereira Martins

Alguém poderá perguntar: «Porquê escrever sobre isto, porquê recordar tudo isso?»

É dever do escritor contar esta terrível verdade, e é dever cívico do leitor aprendê-la.

— VASILY GROSSMAN

ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| <i>Introdução</i> | 11 |
| CAPÍTULO 1: O QUE ACONTECEU | 23 |
| CAPÍTULO 2: O QUE EU VI | 65 |
| CAPÍTULO 3: COMO O MUNDO REAGIU | 93 |
| CAPÍTULO 4: A DESCONEXÃO | 121 |
| CAPÍTULO 5: DA DERROTA À VITÓRIA | 153 |
| <i>Agradecimentos</i> | 189 |
| <i>Notas</i> | 191 |

INTRODUÇÃO

Por vezes há uma luz que se acende na escuridão e conseguimos ver exatamente onde cada pessoa se posiciona.

O dia 7 de outubro de 2023 foi precisamente um desses momentos. Nessa manhã, as sirenes de ataque aéreo soaram por todo o Israel. Isto não era algo invulgar por si só. E certamente não no Sul do país, que, por 17 anos, estivera ao alcance dos *rockets* do Hamas. Nem no Norte, para onde o Hezbollah lançava *rockets* desde a década de 1980. Mas em Telavive e em Jerusalém as sirenes também soaram. As pessoas acordaram naquela manhã de sábado e aperceberam-se de que algo muito invulgar estava a acontecer.

Depressa as redes sociais e várias plataformas de mensagens foram inundadas com pessoas que relatavam o inimaginável. Relatos de pessoas no Sul sugeriam que tinha havido uma grande incursão terrorista a partir de Gaza para Israel. Esta faixa de terra havia sido dominada pelo grupo terrorista Hamas quase imediatamente após Israel se ter retirado do território, em 2005. Houve incursões terroristas ao longo dos anos que se seguiram, incluindo o ataque transfronteiriço e o rapto do jovem soldado Gilad Shalit, em 2006. Mas agora havia relatos de centenas, talvez milhares, de terroristas a irromperem pelas comunidades do Sul de Israel. Parecia haver combates por todo o lado. Além de entrarem nas comunidades (chamadas «*kibutz*») no Sul, também se haviam introduzido em grandes cidades e estavam a atacar os jovens que haviam estado a dançar no festival Nova — uma festa *rave* que fora organizada na véspera da festa judaica do Simchat Torah.

O facto de ser o *Shabat* — e uma grande festa religiosa — significava que

muitas pessoas religiosas não estavam a usar o seu telemóvel naquela manhã. Muitos judeus não usam dispositivos eletrónicos neste dia santo. Mas todos os que estavam com os telemóveis depressa começaram a ver o horror em tempo real.

Por todo o Sul de Israel, os socorristas acorreram ao local e depararam-se com cenas de carnificina e caos. O grupo United Hatzalah tem voluntários espalhados por todo o Israel. Os seus membros, cidadãos comuns, são treinados para responder a acidentes rodoviários e outras emergências. Membros do público ligam e um voluntário da área chega ao local o mais rapidamente possível. Naquela manhã, como o líder do grupo mais tarde me contaria na sua sala de controlo em Jerusalém, os ecrãs de monitorização começaram a acender-se com incidentes. Apontando para o enorme mapa na sala de controlo, Eli Beer disse-me que trinta anos de incidentes todos combinados não equivaliam a uma hora do que aconteceu naquela manhã.

Um dos muitos voluntários do Hatzalah recebeu um alerta e pensou que ia para o local de um acidente. Ele avistou um carro na berma da estrada, viu alguns cadáveres e abrandou. Mas algo não batia certo. As pessoas junto ao carro estavam vestidas com uniformes de soldados israelitas. Começaram a disparar contra ele. Incidentes como este causaram uma confusão total, além de terror. «Porque é que eles estão a disparar contra mim?», foi o seu primeiro pensamento. Mas alguns dos terroristas do Hamas haviam entrado no país a usar versões dos uniformes dos soldados israelitas. Outros tiraram-nos dos corpos dos mortos nas bases militares que o Hamas já havia dominado.

Em poucas horas, a verdadeira dimensão do ataque começou a tornar-se evidente. Os terroristas não haviam entrado em Israel apenas em veículos terrestres e a pé, mas por barco e em asas-delta; talvez até seis mil no total. Aonde quer que chegassem levavam a morte — com espingardas, granadas, armadas incendiárias, granadas propulsadas por foguete, metralhadoras e muito mais. Levaria semanas — na verdade, meses — para contabilizar o número de pessoas mortas naquele dia. O total de cadáveres só foi reconhecido dez meses mais tarde. O de mortos chegou a cerca de 1200 pessoas.

As vítimas eram sobretudo civis. No festival de dança Nova, perto do *kibutz* Re'im, a apenas alguns quilómetros da fronteira de Gaza, 364 participantes foram assassinados enquanto se escondiam ou tentavam fugir. Muitos ligaram às suas famílias. Na era dos videofones, a escala e a brutalidade do massacre rapidamente se tornaram claras por todo o país e depois pelo mundo. As crianças ligavam aos seus pais — solicitando ajuda, pedindo conselhos, ou simplesmente dizendo-lhes que os amavam.

Um horror adicional depressa se tornou evidente. Começaram a surgir

vídeos que mostravam israelitas de todas as idades a serem levados para Gaza em motocicletas, carrinhas, carros, e a pé. Em breve tornou-se evidente que cerca de 250 pessoas haviam sido raptadas naquele dia. O mundo começou a tomar conhecimento disto, e de muito mais, porque os terroristas gravaram os seus atos enquanto os cometiam. Usando câmaras *GoPro* e telemóveis, os terroristas transmitiram os seus atos de violência com orgulho. No final do dia 7 de outubro já era evidente que estes atos incluíam queimar pessoas vivas, disparar sobre gente inocente, decapitar pessoas e violar homens e mulheres. Por vezes, antes de as matarem. Outras, depois.

Israel é um país com uma população de apenas nove milhões de habitantes. A América é um país com cerca de 333 milhões. Para que se perceba melhor, o número de mortes a 7 de outubro seria o equivalente a cerca de 44.400 americanos serem mortos por terroristas num só dia. Ou cerca de 15 ataques como o do 11 de Setembro. O número de raptos, se tivesse acontecido na mesma proporção nos EUA, teria equivalido a quase 10.000 americanos arrancados das suas casas e feitos reféns. Seria o correspondente a cerca de 5000 canadianos mortos num só dia e 1000 feitos reféns. Ou 8400 franceses ou britânicos massacrados num único dia e outros 1750 feitos reféns.

Estes números são quase incompreensíveis para qualquer pessoa em qualquer destes países. Também o foram para as pessoas de Israel. Mas aconteceu a elas.

O massacre de 7 de outubro ocorreu quase exatamente 50 anos depois do dia em que os vizinhos de Israel — incluindo o Egito — haviam pela última vez tentado aniquilá-lo. Nessa guerra, conhecida como Guerra do Yom Kippur, uma tática idêntica havia sido usada pelos inimigos de Israel. Essa guerra também começou com um ataque de surpresa num feriado religioso, no qual os inimigos de Israel esperavam encontrá-lo desprevenido.

Como muitas pessoas ao redor do mundo, eu estava a dormir noutra fuso horário na manhã do dia 7, por isso só mais tarde me apercebi do que estava a acontecer. Primeiro vi notícias e mensagens sobre o lançamento de *rockets* para Israel, e lembro-me de ter pensado que não era nada de especial. Já tinha estado em muitos abrigos antiaéreos em Israel desde a minha primeira visita, durante a guerra de 2006 com o Hezbollah, no Líbano. Numa ocasião fi-lo com os cidadãos de Sderot depois de, curiosamente, ter aceitado inaugurar um parque de *skate* doado por uma instituição de beneficência britânica para as crianças carenciadas da cidade. Sderot foi uma das principais cidades nas quais se tornou claro que estavam a ocorrer alguns dos piores combates no

dia 7. O ataque vindo de Gaza foi de dimensão equivalente à de uma brigada, e ocorreu com várias vagas de pessoas. Os terroristas do Hamas e da Jihad Islâmica chegaram primeiro, depois vieram cidadãos de Gaza com a intenção de participar nos saques e nos assassinatos. Mas foi só quando vi as imagens de um camião do Hamas a descer a rua principal de Sderot — uma rua que eu conhecia — e vi o Hamas a disparar uma granada propulsada por foguete pela rua abaixo, que percebi que aquilo era algo de uma ordem diferente.

Estava em minha casa em Nova Iorque quando — como o resto do mundo — comecei a tentar absorver as notícias. Embora não seja judeu, eu tinha visitado Israel muitas vezes desde a guerra de 2006. Tinha amigos lá e ao longo do dia fiz o que muitas pessoas em todo o mundo fizeram e tentei, em primeiro lugar, descobrir se eles estavam bem.

No dia seguinte ouvi notícias sobre uma grande manifestação que deveria ter lugar em Times Square. Havia sido organizada rapidamente e divulgada à pressa. Mas não era um protesto contra os horrores do dia anterior. Não era um protesto contra os terroristas do Hamas. Em vez disso, era um protesto contra o Estado de Israel e os cidadãos do único Estado judaico do mundo.

Centenas de pessoas reuniram-se em Times Square naquela hora de almoço. Algumas vieram com cartazes feitos em casa. Uma mulher com a cabeça coberta por um lenço sorria alegremente, agitando um cartaz que dizia «Pesadelos sionistas. 10/6/73 egípcios. 10/7/23 palestinianos. #VivaAIntifada.» Enquanto a fotografava com o meu telemóvel, ela levantou um punho no ar e gritou de alegria. Outro participante segurava um cartaz que dizia «Land Back» (Terra de Volta) — um movimento americano que procura devolver a terra da América e de outros países ocidentais aos seus «povos indígenas», e que também é usado como um ataque a Israel.

No entanto, a maioria das pessoas na multidão transportava faixas distribuídas pelos organizadores. Elas diziam «Do rio ao mar», «A Resistência é Justificada», «Resistência não é Terrorismo», «Combate à Supremacia Branca» e «Viva a Intifada». Um dos cartazes mais assustadores dizia «Por todos os meios necessários». Isto foi numa altura em que mundo já sabia que estes «meios» incluíam o abuso sexual em massa de mulheres e famílias inteiras, queimadas vivas nas suas casas. Enquanto este protesto decorria em Nova Iorque, os massacres ainda estavam a acontecer no Sul de Israel e os terroristas ainda não tinham sido repelidos.

Este padrão repetiu-se em cidades por todo o Ocidente. Na Alemanha e em França (que têm as maiores comunidades muçulmanas e judaicas da Europa) eclodiram protestos anti-Israel. Mas ali as autoridades tentaram reprimir os manifestantes que gritavam lemas antissemitas. Em Londres, na

noite do dia 7, grandes multidões reuniram-se perto da embaixada de Israel e começaram a acender foguetes sinalizadores. No meio da desordem violenta e do colapso no policiamento, estas centenas de manifestantes improvisados estavam eufóricos. Eles estavam ali para celebrar os massacres. Em Londres e noutras cidades britânicas estes protestos foram crescendo, com centenas de milhares de pessoas a virem para a rua em Londres. Tudo isto antes sequer de Israel ter respondido aos ataques do Hamas. Protestos semelhantes ocorreram por toda a América do Norte, nas ruas e nos mais prestigiados *campus* universitários. O apoio aberto ao Hamas e às suas ações era explícito e em crescendo.

Só no Canadá, depois do 7 de Outubro, sinagogas foram bombardeadas, escolas judaicas foram alvo de tiros, lojas judaicas foram bombardeadas e livrarias detidas por judeus vandalizadas.

Neste período, a partir do momento em que surgiram as notícias do massacre em Israel, há algo em particular que merece ser notado: não houve um único grande protesto contra o Hamas em qualquer cidade ocidental. Nem um único. As pessoas que cometeram o massacre e começaram uma guerra não foram alvo de crítica nas ruas de qualquer cidade ocidental. Algumas pessoas dirão que isso se deve ao facto de o Hamas não prestar atenção a protestos nas ruas da América ou da Europa. Ou que os países ocidentais não têm controlo sobre o Hamas.

Mas os governos de todos estes países tinham vindo a financiar os palestinianos em Gaza durante anos. Tinham doado mil milhões de dólares em ajuda externa diretamente ao governo do Hamas, através de organizações da ONU, entre muitas outras. Este dinheiro fora usado pelos líderes do Hamas para enriquecerem (os líderes do grupo tornaram-se multimilionários) ou para construir a infraestrutura de terrorismo em Gaza que permitiu ao grupo realizar o ataque de 7 de outubro, raptar israelitas e mantê-los como reféns dentro de Gaza.

Com tudo isto a acontecer, decidi que deveria ir para Israel o mais rapidamente possível. Várias coisas me persuadiram. A primeira foi aquela visão em Times Square. A consciência de que, se havia celebrações destes ataques em Nova Iorque, em breve haveria em todo o mundo. Uma segunda era a certeza de que a dimensão das atrocidades cometidas naquele dia rapidamente seria esquecida. E não apenas porque naquele dia, 7 de outubro, muito antes de a dimensão do ataque ser compreendida, os meios de comunicação ocidentais já estivessem a focar-se não no que acabara de acontecer mas naquilo que Israel poderia fazer em resposta. Tendo feito a cobertura de muitas destas guerras, já sabia que a questão «O que farão os israelitas em retaliação?» rapidamente se tornaria na história principal. Também temia — corretamente,

como se veio a verificar — que uma grande onda de negacionismo varresse o mundo, que aquele que se revelou ser o maior massacre de judeus em todo o mundo desde o Holocausto fosse rapidamente negado, tão certamente como os neonazis e outros escolheram tentar negar o Holocausto depois de este ter acontecido.

Mais tarde, na minha cidade natal de Londres, mostrar-me-iam — juntamente com outros jornalistas — a filmagem editada de 46 minutos do massacre de 7 de outubro. Esta filmagem foi montada a partir das próprias gravações dos terroristas naquele dia, das gravações feitas pelos socorristas que chegaram ao local e de filmagens que as vítimas tinham feito ao longo do dia e que foram encontradas nos seus telemóveis. Nos meses que se seguiram eu veria muitos vídeos semelhantes, de pessoas que haviam estado no festival Nova, de familiares que me mostraram os últimos momentos de vida dos seus entes queridos e de organizações como o Hatzalah, cujos corajosos voluntários judeus, muçulmanos e drusos se dirigiram até ao local do desastre naquele dia.

Mas nada daquilo se comparou ao impacto daquela primeira visualização esmagadora de partes do massacre. Os assassinatos e corpos vistos nas filmagens pareciam não ter fim. Cena atrás de cena, atrás de cena...

Havia imagens de terroristas que usavam uma pá para tentar remover a cabeça de um jovem que estava deitado no chão. A cada golpe, gritavam «Allahu akba». Havia imagens das jovens numa base do exército israelita encolhidas a um canto, enquanto os terroristas armados entravam. Havia imagens de jovens a fugir do festival Nova para salvarem as suas vidas — ou escondendo-se onde quer que julgassem que estariam seguros. E depois as imagens dos socorristas a passar por entre pilhas de cadáveres, gritando desesperadamente para ver se alguém ainda estava vivo. As imagens pareciam ter durado horas, mas o número de vítimas mostradas naquele filme incluía menos de 10 por cento das daquele dia.

É preciso muito para deixar em silêncio uma sala cheia de jornalistas britânicos, mas três quartos de hora destas filmagens fizeram-no. Saí com um velho amigo da comunicação social britânica, um jornalista na casa dos 70 que já viu a sua quota-parte de guerra. Demorou muito tempo até que um de nós encontrasse palavras, enquanto caminhávamos pelas ruas cinzentas e cobertas de folhas de Londres. Por fim, ele conseguiu dizer algo. «Cabrões», disse ele. «Cabrões», concordei.

Claro que isto não fazia justiça ao que acabáramos de ver. Nada o conseguiria. Mas quando comecei a tentar lidar com isso, havia algo em particular que simplesmente não conseguia imaginar. Por ter escrito e feito a cobertura de guerras em três continentes, eu vira a minha quota-parte de horrores. Mas

havia algo de invulgar nesta atrocidade. Enquanto tentava descobrir o que era, não conseguia deixar de refletir sobre o facto de que, em todas as filmagens dos terroristas — feitas por eles e transmitidas aos seus apoiantes (que primeiro celebrariam e depois negariam estes atos) — havia algo invulgar, mesmo no contexto da longa história da violência. Era o facto de os terroristas do 7 de Outubro terem feito o que fizeram com tanto prazer. Não eram apenas os seus gritos intermináveis de guerra. Ou a alegria visível que se podia ver nos seus rostos e ouvir nas suas vozes. Era o facto de que tudo aquilo lhes dava uma intensa alegria. E que eles estavam orgulhosos das suas ações.

Uma das gravações do dia 7, daquele primeiro vídeo de atrocidades, era de um dos terroristas que haviam entrado no *kibutz* Mefalsim, uma comunidade com pouco mais de mil pessoas no Sul de Israel. No meio do ataque, o terrorista telefonou à sua família em Gaza. A excitação na sua voz era óbvia. «Olá, pai», começava a chamada de três minutos. «Abre o meu WhatsApp agora e vê todos os mortos. Vê quantos eu matei com as minhas próprias mãos! O teu filho matou judeus!» O pai responde: «Que Deus te proteja.» O filho está exultante. «Pai, estou a falar contigo pelo telemóvel de uma mulher judia. Matei-a e matei o marido dela. Matei dez com as minhas próprias mãos», continua ele, repetindo-se. Vangloriando-se. «Pai, matei dez! Dez com as minhas próprias mãos! Passa à mãe.»

«Oh, meu filho. Que Deus te abençoe», dizem os pais. O filho continua a gabar-se da mesma maneira para a sua mãe. «Quem me dera estar contigo», responde ela. «Mãe, o teu filho é um herói», gaba-se ele. «Mata, mata, mata.» Em seguida, o irmão do homem vem ao telefone e o jovem gaba-se também para ele. «Matei dez. Juro!» «Ergue a cabeça, pai. Ergue a cabeça.» Um dos homens do outro lado diz: «Regressa, regressa.» «O que queres dizer com regressa?», responde o filho. «Não há como regressar. É morte ou vitória. Abre o WhatsApp. Vê os mortos. Abre-o. Abre o WhatsApp no meu telefone e vê os mortos. Como os matei com as minhas próprias mãos.»

Nos dias que se seguiram ao 7 de Outubro, muitas pessoas tentaram dar sentido a factos como estes. O que — se é que havia algo — poderia explicar tanto ódio? E o que poderia qualquer homem ou mulher fazer contra isto? Enquanto pensava nisso, a minha mente regressou a um amigo falecido chamado George Weidenfeld.

George era um judeu vienense que nasceu em 1919. Morreu em 2016, tendo vivido até uma idade avançada. Fugiu dos nazis, escapando da Áustria após a Anschluss, ou anexação alemã, do país, em 1938. Ele veio para Inglaterra, conhecendo pelo caminho, entre outros, o grande autor e admirador dos Habsburgo Joseph Roth, em Paris. George era um repositório de histórias

sobre esses tempos, mas depois de sobreviver ao regime nazi passou grande parte do resto da sua longa vida a tentar compreendê-lo. Como editor, ele muitas vezes, de forma controversa, concordou em publicar livros de e sobre nazis — incluindo as memórias de Albert Speer. Mas, como também recordou o historiador Andrew Roberts, no final da sua vida George refletiu frequentemente sobre o facto de que, na sua opinião, «há pessoas que são antissemitas ainda piores do que os nazis».

Era uma afirmação extraordinária, de certa forma. Mas, como George costumava explicar, embora o Hamas, a al-Qaeda, a Jihad Islâmica e outros não tivessem conseguido até agora ser tão genocidas como os nazis, não havia dúvida de que o seriam, se pudessem. Ainda assim, havia algo nas suas ações e nas suas motivações que os tornavam distintos. George seria a última pessoa a minimizar a culpa dos nazis, que mataram tantos dos seus amigos e familiares. Mas ele notava, tal como muitos historiadores, que, por mais maléficos que fossem em geral, os nazis tentaram encobrir os piores dos seus crimes.

Considere-se o que o líder das SS, Heinrich Himmler, disse no discurso aos seus tenentes mais graduados em outubro de 1943, quando detalhava o que os nazis procuravam alcançar com o Holocausto: «Podemos falar sobre isso entre nós, mas nunca falaremos sobre isso em público... Refiro-me à evacuação dos judeus. O extermínio do povo judaico... é», disse ele, «uma página de glória na nossa história que nunca foi escrita e que nunca será.» Himmler e as suas SS estiveram entre as pessoas mais malévolas da história da humanidade, mas até eles tentaram encobrir os seus crimes. Aqui, em 2023, sob a forma do Hamas, estavam pessoas que se gabavam dos seus crimes, que se orgulhavam deles, e que, na verdade, queriam divulgar os seus crimes para que todo o mundo visse.¹

O que deve o mundo fazer contra tais grupos de morte, tais cultos da morte?

Para muita gente no Ocidente, a resposta parece ser ignorá-los ou desejar que desapareçam. Ataques terroristas com múltiplas vítimas ocorreram em muitas cidades ocidentais nos últimos anos, em Nova Iorque e Washington, e dos campos da Pensilvânia até Londres, Manchester, Paris, Nice, Berlim e Estocolmo, entre outras. Contudo, a resposta na maior parte destas ocasiões foi inadequada. Excetuando o período imediatamente após o 11 de Setembro, a tendência foi desviar o olhar ou fingir que o problema não existia.

Depois de 22 pessoas — a maioria das quais eram raparigas — terem sido mortas numa explosão por um bombista suicida num concerto de Ariana Grande, na Manchester Arena da Grã-Bretanha, em 2017, a resposta, impingida ao público pelos meios de comunicação e por outros, foi cantar uma

música dos Oasis, «Don't Look Back in Anger». Como se, depois de uma vineta de jovens terem os seus corpos reduzidos a pedaços por uma bomba cheia de pregos e rolamentos de esferas, o mais importante fosse simplesmente não ficar zangado. Mas porquê? Se o assassinato de jovens mulheres pelo crime de estarem num concerto não vos deve enraivecer, então o que o faria? Talvez os britânicos, tal como outros povos, simplesmente não soubessem o que fazer em relação a isto.

Também me perguntava por que razão os cidadãos de Israel pareciam tão singulares entre as vítimas. Porque é que eles pareciam ser as únicas pessoas no mundo que, quando atacadas de forma selvagem, não ganhavam a simpatia do mundo ou conseguiam-na apenas por algumas horas, se tanto.

Pensei muito sobre isto nos meses que se seguiram. Fui para Israel assim que pude e fui imediatamente aos locais dos massacres. Nos meses vindouros passei muitos dias com sobreviventes, familiares dos que haviam sido mortos e famílias das pessoas levadas como reféns. Também fui a Gaza, incluindo através da parte da vedação fronteiriça que os terroristas haviam arruinado naquele dia. Vi de perto a campanha de Israel para derrotar o Hamas e trazer os reféns de volta para as suas casas.

Poucos exércitos na história tiveram de travar uma guerra numa área tão concentrada, urbanizada e armadilhada, na qual o outro lado colocou deliberadamente a sua infraestrutura militar dentro e no meio de edifícios civis — incluindo mesquitas, escolas, casas e hospitais. Nenhum teve de lutar contra uma oposição cuja liderança (como se tornou claro através de mensagens intercetadas do líder do Hamas em Gaza) vê a perda dos seus próprios civis como desejável devido às vantagens que isso pode trazer-lhes na batalha pela opinião pública internacional. Porque, nesta era, a guerra não é apenas travada no campo de batalha, mas também nos esforços para deslegitimar o conflito no estrangeiro, transformando vítimas em culpados e culpados em vítimas. Parece-me que o direito de Israel travar e vencer uma guerra como esta é vital, não só para esse país como também para que a Grã-Bretanha, a América e todos os outros países ocidentais possam travar uma tal guerra se — ou quando — o momento chegar.

Decidi, em suma, não apenas compreender o que havia acontecido, mas também tornar-me numa testemunha. No passado, muitos males foram permitidos porque as pessoas deixaram que eles continuassem ou os encobriram. Eu estava determinado a não deixar que isso acontecesse.

Por isso segui os factos para onde quer que eles me levassem. Nas morgues de Telavive visitei os patologistas enquanto eles tentavam identificar os corpos dos mortos, e vi com os meus próprios olhos a terrível destruição provocada

pelo Hamas. Falei com líderes políticos e militares para tentar descobrir o que acontecera naquele dia, o que havia falhado e que lições poderiam ser aprendidas. E, nas prisões de máxima segurança de Israel, estive cara a cara com os terroristas do Hamas que levaram a cabo os massacres naquele dia, e olhei nos olhos de homens que reconheci das filmagens da atrocidade.

Tudo isto foi de grande importância para mim, sendo eu alguém que se preocupa com a única democracia próspera no Médio Oriente e com o único Estado judaico do mundo. Mas também é importante para mim porque acredito que o que Israel enfrentou naquele dia é uma realidade que todos poderemos voltar a encarar em breve — e que alguns de nós já vislumbraram.

Muitas pessoas no Ocidente, hoje em dia, não se sentem confortáveis para falar em termos de bem ou mal. Nas nossas sociedades cada vez mais seculares, muitas pessoas parecem pensar que tais palavras fazem parte do passado — uma ideia demasiadamente redutora para os nossos tempos, muito mais subtis e tolerantes. Estamos até habituados à ideia de que os criminosos da nossa sociedade que fazem algo terrível o devem ter feito por alguma razão. Deve haver alguma explicação para isso, certo? Uma das razões pelas quais os documentários e os livros baseados em crimes reais são tão populares é que imaginamos que podemos descobrir a origem do comportamento de alguém. Como se até um assassino em massa pudesse, de alguma forma, ser explicado.

Mas parece-me que somos nós que não estamos a levar algo em conta. O mal existe como uma força no mundo. Na verdade, é a única explicação para o facto de algumas pessoas fazerem certas coisas. A 7 de outubro de 2023, muitos israelitas encararam a face do mal puro — 1200 deles nos últimos momentos das suas vidas. As pessoas imploraram, as pessoas suplicaram e, nalguns casos, choraram por misericórdia. Mas foram assassinadas, mesmo assim.

Ao mesmo tempo, parece-me claro que uma força como a do «bem» também existe no mundo. Como depressa descobriria, foi demonstrada por um surpreendente número de pessoas naquele mesmo dia. A luta entre o bem e o mal pode parecer demasiadamente maniqueísta para alguns. No entanto, são eles — na sua busca por subtilidade interminável e compreensão ilimitada — que, na verdade, não se apercebem de uma das mais importantes divisões.

Talvez a única força no mundo ainda maior do que o próprio mal seja o grande mal coletivo e concentrado que é a guerra.

Mais uma vez, hoje em dia, na maior parte do Ocidente, pensamos que estamos para lá da guerra — que isso é algo que pertence ao nosso passado, mas que tem pouca relevância para o presente. Antes da Primeira Guerra Mundial, muitos europeus e americanos pensavam o mesmo. Se nos habituámos a viver em paz — e a tomá-la como a norma —, as pessoas de Israel não

têm podido desfrutar de um tal luxo. É algo que lhes tem sido constantemente negado. Mas as lições que eles aprenderam e estão a aprender são lições que todos os outros no Ocidente poderiam também aprender.

O abismo entre a paz e a guerra é provavelmente a divisão mais gritante que qualquer pessoa e qualquer sociedade pode enfrentar.

É muito difícil explicar a alguém que nunca a viu o que esta divisão significa. Leão Tolstoi fez um bom esforço em *Guerra e Paz*, quando descreveu dois exércitos a alinhar-se no campo de batalha:

Não havia ninguém entre o esquadrão e o inimigo, e entre eles, a separá-los, estava aquela linha terrível do desconhecido e do medo, como a linha que separa os vivos dos mortos. Todos os homens sentiam aquela linha, e a questão de saber se a cruzariam ou não inquietava-os.²

Mas essa é uma descrição de exércitos prestes a enfrentar-se. Quando o reino da guerra entra na vida quotidiana de alguém é outro nível de terror. Há um romance de Ian McEwan no qual uma criança é raptada de um supermercado e, quando o pai se apercebe do que aconteceu, primeiro pensa que deve ter havido um erro. Depois, quando se apercebe de que a sua criança desapareceu, começa a gritar por ajuda. A primeira reação das outras pessoas a fazerem compras é de alarme por um homem estar a comportar-se daquela maneira. Depois, repentinamente — como se uma camada de vidro ao seu redor se tivesse quebrado de repente —, toda a gente entra no universo em que o homem se encontra. Desapareceu uma criança. E toda a gente ao redor está agora nesta nova realidade transformada. Em Israel, no dia 7, dezenas de crianças foram apanhadas e assassinadas, mas, ainda assim, um mundo que parecia incapaz de distinguir o certo do errado decidiu que as crianças desaparecidas e assassinadas eram, na melhor das hipóteses, um contratempo.

Essa realidade despedaçada é aquela para a qual as pessoas de Israel foram atiradas pelos eventos do 7 de Outubro. Mas é uma realidade para a qual as populações de todas as democracias atualmente em paz podem ser novamente atiradas um dia. Possivelmente, dentro de pouco tempo. A história do sofrimento e do heroísmo do 7 de Outubro e das suas consequências não representa apenas a divisão entre o bem e o mal, a paz e a guerra, mas também entre as democracias e os cultos da morte.